



RELIGIÃO E MULHER: UMA DISCUSSÃO SOBRE MODOS DE ENUNCIAR O FEMININO NA IGREJA

Eliana Müller de MELLO¹

RESUMO

A partir dos campos teóricos – cultura e gênero – este estudo traz como principal cenário um complexo oleiro, no qual problematizam-se representações de gênero produzidas pela Igreja Pentecostal do Reino de Deus (IURD). O referencial teórico utilizado é uma aproximação aos Estudos Culturais, ocupando-se de alguns conceitos pós-estruturalistas de análise. Discute-se a conexão entre produção de gênero e pedagogia, para analisar como o corpo feminino aparece representado na comunidade oleira de Campo Bom/RS. A instituição religiosa em questão é entendida como instância onde o poder se exercita. Ela, através dos discursos, educa, disciplina e regula os corpos como qualquer outra prática social e, por causa disso, é entendida como uma pedagogia cultural. Utilizando-se da análise cultural, o material coletado é analisado operando-se com os conceitos de identidade, cultura, representação e gênero, objetivando problematizar os diversos mecanismos pelos quais as diferenças são representadas, descritas, classificadas, nomeadas e produzidas. Foi importante ver, em especial, como a IURD é organizada, codificada e de que forma sua organização e codificação acabam por distribuir os vários elementos constituintes desses e constituídos nesses espaços. Objetivou-se ver que práticas sociais disciplinadoras são colocadas em funcionamento para produzir sujeitos femininos nessa Comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, gênero, representação.

ABSTRACT

From the theoretical fields - culture and gender - this study it brings as main scene a complex potter, which it becomes controversial representations of gender produced by the Pentecostal Church of the Kingdom of God (PCKG). The used theoretical reference is an approach to the Cultural Studies, occupying of some concepts after structural of analysis. It is argued connection between gender production and pedagogy, to analyze as the feminine body he appears represented in the community potter of Campo Bom/RS. The religious institution in question is understood as instance where the power if exercises. She, through the speeches, her educates, her disciplines and her regulates the bodies as any practical other social e, because of this, it is understood as a cultural pedagogy. Using itself of the cultural analysis, the collected material is analyzed operating itself with the identity concepts, culture, representation and gender, the objective of the article is to show the diverse mechanisms by which the differences are represented, described, classified, nominated and produced. It was important to see, in special, as the PCKG is organized, codified and of that it forms its organization and codification finish for distributing the some constituent of these and consisting elements in these spaces. It was objectified to see that practical social disciplinarians are placed in functioning to produce feminine citizens in this Community.

KEYWORDS: Culture, gender, representation.

¹ Mestre em Educação, Especialista em Linguística Aplicada e em Metodologia de Ensino, Pesquisadora na Linha de Pesquisa Identidade, Cultura e Trabalho, Professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, Médio e EJA da Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação – e-mail: elianamuller@uol.com.br

Quando pensamos em Educação, a primeira imagem que nos vem à mente é a de uma escola, já que para nós parece certo, natural ou inquestionável que essa é a instituição a quem foi conferida, nos últimos três séculos, a tarefa de ensinar. Entretanto, cada vez mais, na contemporaneidade, outros espaços vêm se constituindo como educativos, ou seja, outros espaços têm sido configurados como estando exercendo a função de ensinar alguma coisa sobre algo ou alguém, embora essas instâncias não se pareçam nem um pouco com a escola. Estar atentos a estes tantos locais que também ensinam é uma das peculiaridades que parece aproximar alguns conceitos pontuais deste trabalho com as perspectivas de análise da linguagem na produção do sujeito feminino.

Trata-se, antes, de uma análise que buscou tão somente tentar compreender sob que condições deu-se a instituição dessa linguagem, sob que lógica operam as diferentes categorias/elementos neles em funcionamento, de que forma e através de que mecanismos tais categorias/elementos são produzidos, e, ainda, que efeitos as práticas disciplinares têm na construção de determinados modos de ser quanto às questões de gênero. Não para propor uma destruição e/ou uma transformação desses lugares ou dessas práticas discursivas, mas para que, através de “pequenos” detalhes, sutilezas, minúcias, astúcias, arranjos – aparentemente desinteressados – possamos rever algumas de nossas verdades, questionar algumas de nossas certezas e, assim, quem sabe, dar vez *ao impossível* em nossa forma de ver, pensar e agir no mundo.

Na contemporaneidade, o corpo feminino tem sido investigado, analisado, invadido, falado e ressignificado. Há uma infinidade de instâncias a nos dizer “o que é ser mulher”. O olhar dessas diversas instâncias perscruta da pele às vísceras, do físico ao psíquico; fragmenta esse corpo feminino em pequenas partes para entendê-lo nos seus mínimos e mais íntimos detalhes. A mídia, a publicidade, a indústria, enfim, os artefatos culturais tornaram esse corpo um objeto do mercado econômico/social/cultural. Esse corpo é constantemente construído e reconstruído nessas discursividades, adquire uma materialidade que é, ao mesmo tempo, um produto do poder que gera divisões sociais. A inserção do corpo feminino nessa rede de saberes que dizem sobre ele estabelece, sempre, novas relações de poder. O poder, entendido aqui na perspectiva foucaultiana, tem funcionado como um organizador de sistemas de classificação – sociais, culturais, políticas, econômicas –, ajudando cada uma e cada um a ocupar seus devidos lugares nas representações que estão em jogo.

FEMININOS CONSTRUÍDOS

Nas palavras de Tomaz Tadeu da Silva (1999, p.23), na perspectiva dos Estudos Culturais, “os significados não são vistos como falsos ou verdadeiros, como puros ou contaminados, como o grau de falsidade ou de impureza sendo função do grupo que os produzem, que os enunciam”. O que interessa nessa abordagem teórica são os efeitos de verdade. Para dizer de outro modo, interessa delimitar/demarcas quais os mecanismos que, produzidos em meio às relações de poder, governam as práticas de significação e são tomados como verdade. Isso se dá em um território marcado por múltiplas disputas e conflitos.

Nesse sentido, o corpo entendido como significante está necessariamente vinculado às relações de poder, as quais fixam e/ou posicionam os sujeitos de modos específicos. Tais relações estão, de forma intrínseca, relacionadas com a produção de determinados saberes – sobre o corpo, sobre a sexualidade, sobre o que é ser homem ou ser mulher em determinado lugar ou tempo histórico. Ou seja, as relações de poder atuam (imbricadas numa rede de saberes) sobre os corpos, em determinados contextos, produzindo efeitos de sentido,

produzindo identidades sociais e culturais particulares. Outra passagem do texto de Silva pode elucidar essa colocação. O autor afirma que a identidade não é um produto acabado, ela é demarcada por meio de processos de produção da diferença. “A diferença, e portanto a identidade, não é um produto da natureza: ela é produzida no interior de práticas de significação, em que os significados são contestados, negociados, transformados” (SILVA, 1999, p. 25).

O corpo, visto por essa perspectiva, é um construto social e cultural alvo de diferentes e múltiplos marcadores identitários. O que se percebe, dessa forma, é que as representações são inventadas, produzidas e que, por sua repetição, tornam-se hegemônicas e hierarquizam os sujeitos na escala social de acordo com diversos atravessamentos, tais como as questões de gênero. As representações circulam na esfera do social e legitimam o direito de capturar, nomear, enfim, de representar os sujeitos, pois “somos prisioneiros das representações e do nosso próprio tempo já vivido e ainda por viver” (VEIGA-NETO, 2002, p. 55).

Nessa perspectiva, é a qualificação e o lugar de onde os sujeitos falam que lhes confere tanto a legitimidade quanto aos status de verdade a seus discursos, pois é através da construção de um discurso de autoridade em torno daquele conhecimento (que o sujeito social não tem) que os indivíduos sentem-se interpelados. Esses discursos, normalmente, materializam-se em múltiplas representações que supõem modos de os sujeitos relacionarem-se com o saber, com o conhecimento, com o poder e com a autoridade.

Para Hall (1997), é através do modo como representamos as coisas nos diferentes espaços sociais e culturais que elas adquirem significados. De acordo com essa colocação, entendo que, neste estudo, o corpo feminino é significado através da linguagem que a comunidade produz e reproduz. O processo de produção de significados é dinâmico, é instável e, portanto, está em constante conflito, “o que significa entender que é na linguagem que se produzem e se colocam em ação os mecanismos e estratégias de diferenciação/identificação que estão na base dos processos de particularização que constituem os diferentes grupos sociais” (MEYER, 2000, p.57). Nessa colocação, a linguagem pode ser entendida como “a instância em que se constroem os sentidos que atribuímos ao mundo e a nós mesmos, o que é o mesmo que dizer que a linguagem produz aquilo que reconhecemos como sendo o real ou a realidade, ao mesmo tempo que produz os sujeitos que aí estão implicados” (MEYER, 1998, p.17).

Nessa perspectiva, na comunidade oleira estudada, superioriza-se o gênero masculino pelo seu vigor, força física, capacidade, habilidade e inteligência... à mulher cabe "as lidas da casa" e "o cuidado para com o marido" e as refeições são trazidas pela mulher, no horário definido pelo próprio marido. Ela é responsável em trazer a "boa comida" e esperar, ao lado dele, até que conclua a refeição, que é recolhida imediatamente pela "boa esposa" que retornará às lidas da casa e filhos.

Nessa comunidade, a Igreja Universal do Reino de Deus instalou-se a partir da década de 80 e iniciou trabalhos sociais e cultos com a comunidade, reunindo muitos moradores. Para este fim, religiosos passaram a trabalhar no local, implantando e dirigindo obras assistenciais e de “pregação da bíblia” (grifo de um culto).

Nessa perspectiva, conforme análises dos cultos assistidos nessa igreja, a Universal estabelece regras tácitas sobre a conduta feminina. Além de discretas, boas mães e amorosas, as mulheres devem ser submissas e obedientes aos maridos. Segundo o bispo líder Edir Macedo, “a Bíblia fala que a mulher deve ser submissa ao marido”. Além de submeter-se ao marido, a esposa deve ser seu braço direito e tudo fazer, voluntária e gratuitamente, desde a limpeza do templo até evangelismo nas casas. A Igreja, em um processo de alterar o comportamento das mulheres, age como fator de integração, reorientando suas condutas e fazendo com que a penetração do universo sagrado seja capaz de facilitar a participação delas

na sociedade mais ampla. No entanto, neste discurso, vem predominando, em sua estrutura de poder, uma dominação eminentemente masculina.

Nesse sentido, as mulheres são sempre orientadas ao reconhecimento de que os recursos necessários para realizar as tarefas da vida estão ao seu alcance, porque crêem ser ajudadas por Jesus. A religião passa a ser a fonte onde elas buscam orientação para sua conduta, alterando os modelos de relacionamento nos vários níveis de sua atuação, tanto no âmbito da família como nos grupos em que participam. Na igreja, a mulher não pode se manifestar na hora da fala oficial dos gerenciadores da fé; ela tem que silenciar. Nesse aspecto, penetrar no conhecimento da palavra bíblica só é permitido aos homens, que podem ocupar posição de destaque na hierarquia da maior parte das denominações e funções religiosas. Cabe às mulheres exercer, na igreja, atividades que sejam reflexos de suas ações e valores específicos de uma vivência feminina. Os discursos religiosos reforçam a presença da mulher no universo da esfera doméstica.

DIFERENÇA E (A) NORMALIDADE

Nos textos bíblicos e nos discursos da IURD, a mulher nasceu para a submissão; e os homens, como representantes de Deus, tidos como o mais próximo da perfeição por ser a primeira criação, são mais fortes e vigorosos “por natureza”. Surgem, dessa forma, duas contradições: de um lado, a igualdade de todos perante Deus e, de outro, Deus, pelo ato de criação, atribui uma natureza diversa para homens e mulheres. Essa natureza diversa deve ser reproduzida pela obediência às leis divinas. Não é difícil reconhecer manifestações deste conformismo, pois a idéia é reforçada também pela igreja. Em um dos testemunhos analisados durante um dos cultos, o pastor enfatizava:

A mulher tem que procurar se santificar, tem que ser modelo de Jesus. Ser justa, não se perder em coisas do mundo, ser obediente e matar todas as coisas ruins da gente. Quando for totalmente justa, o que é muito, muito difícil, Jesus leva ela da terra e ela morre.

No contexto da ação pastoral, a distinção de direitos assume uma maior abrangência atingindo a questão de gênero, quando define que “homens podem” e “mulheres não podem” tratar de determinados assuntos. Não importa tratar aqui o que podem uns e outros não. É necessário reconhecer a presença de um discurso unilateral. Este é produzido apenas por pastores homens, que se utilizam da interpretação bíblica para conquistar credibilidade e legitimar suas verdades. Do mesmo modo que o elemento masculino se utiliza da Bíblia como instrumento justificador de sua posição de domínio e poder, as mulheres apresentam uma interpretação peculiar sobre o discurso bíblico, o que as coloca em igualdade de condições perante Deus.

O exposto comprova a existência de um discurso frente às diferenças instituídas. Homens e mulheres são membros de uma única Igreja que apresenta uma filosofia doutrinária embasada na Bíblia e que defende a justiça, a igualdade, a humildade, o amor, o respeito e a busca pelo cultivar dos dons. Porém, o estabelecimento das regras advém do domínio masculino, sendo resultante de valores firmados por tradição cultural, mas também por leitura fundamentalista da Bíblia, na qual se encontra a formulação de S. Paulo, conforme I Cor. 14:34-35:

Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a Lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na Igreja.

Também a instituição religiosa reafirma essas diferenças inerentes ao homem e à mulher, perpetuando a supremacia masculina no âmbito público e a excelência primordial da mulher no âmbito privado. A mulher é a única capaz de desenvolver os atributos domésticos e sua felicidade está condicionada à sua realização como esposa, mãe e dona-de-casa. Além do “dever ser” eficiente doméstica, também é de sua competência a questão de “gerar” filhos perfeitos, e, em boa quantidade. Estes devem ser saudáveis, bem cuidados e educados, pois isto faz parte do rol de obrigações atribuídas à “rainha do lar”. É inviável pensar em realização pessoal da mulher fora do âmbito da casa, pois sua perspectiva da vida se faz implícita aos deveres domésticos.

Evidentemente, uma atitude contrária aos moldes estabelecidos é tida como resultado de leviandade e incompetência do “ser mulher”. Além dessas qualidades relacionadas e exigidas da esposa, outras são tidas como cabíveis e indispensáveis. Podemos lembrar algumas como o limite à vaidade, a importância do falar pouco, o vestir-se com elegância e sobriedade. Nesse sentido, à mulher não é permitido aderir à modernidade, ao corte de cabelo, às pinturas usuais, às roupas curtas e chamativas. Não é de bom tom falar, rir e/ou cantar de modo a chamar a atenção das pessoas. Não deve sair de casa desnecessariamente, a não ser para reuniões religiosas e/ou, acompanhadas por alguém da família. A elas compete o papel de boas filhas, excelentes esposas e mães, fiéis como membros da Igreja e, acima de tudo, simples, submissas e verdadeiras auxiliares no desempenho da obra religiosa:

Basta que, emitindo conceitos e opiniões inteiramente pessoais, tu, irmã, poderás despertar um espírito de rebeldia contra as autoridades e de insubmissão contra a Igreja. Basta que, diante de descrentes, uma irmã teça comentários desagradáveis sobre assuntos privados ou pessoais da Igreja, talvez, por isso, poderá levar alguns irmãos a desprezarem o Evangelho (culto).

Apesar da discriminação detectada no discurso da Igreja, é possível perceber que muitas falas estão voltadas também para uma ação feminina consideravelmente ampla e complexa em sua prática. Nesse sentido, destacam a importância das atividades evangélicas, de ações sociais, educacionais e beneficentes. As pregações descrevem a importância de se cultivar os talentos, salientando a importância feminina nos trabalhos da Igreja. Expõem seu papel na sociedade e a importância da sua influência como modelo de mulher.

Nos cultos da IURD, apesar da diversidade de assuntos desenvolvidos e do interesse demonstrado em informações sobre problemas sociais, educação dos filhos, noção de saúde e higiene, foi possível perceber, claramente, que temas conflitantes foram sempre evitados. Dessa forma, durante os cultos assistidos, em nenhum momento foi detectado qualquer tipo de esclarecimento sobre controle da natalidade, fosse um discurso favorável ou contrário, igualmente, sobre o trabalho da mulher fora do lar. Além disso, o acesso da mulher às transformações tecnológicas e à modernidade nos usos e costumes foi sempre apresentado como risco que merecia ser cuidadosamente observado e, mesmo, evitado. Além disso, a influência da televisão, os programas fora do âmbito familiar e os ideais feministas foram firmemente questionados através de discursos que responsabilizavam a mulher pela felicidade de todos os membros da família e pela manutenção dos bons costumes.

Nessa assertiva, inúmeras falas trabalharam a questão da insatisfação da juventude e, conseqüentemente, a indução ao “transvio do bom caminho”, como sendo de total responsabilidade da mãe, cujo papel não estaria sendo cumprido a contento. Igualmente, a referência à pessoa do cônjuge que deveria sentir satisfação em voltar para sua casa após seu considerável dia de trabalho. É possível referendar tais afirmações, citando a história narrada

durante um dos cultos assistidos. Quando abordou o tema “Mãe e Filho”, trouxe uma história de família modelo que, em determinado momento, vivenciava uma crise, perdendo sua referência de organizada, disciplinada e feliz. Seqüencialmente, expunha que: “A esposa, talvez a maior responsável pela situação caótica do lar, continua na sua irresponsabilidade e tudo se desmorona”. Não houve esclarecimento sobre o motivo do conflito familiar apresentado. Apenas foi colocado como dedução pessoal que todo o insucesso vivenciado pelo conjunto familiar é conduzido como decorrente de alguma ação da mulher.

SUBJETIVAÇÃO E PODERES NO DISCURSO RELIGIOSO

Há uma infinidade de discursos, nos cultos da IURD analisados, que objetivam dar mostras à mulher da sua responsabilidade como cristã, colocando-a como elemento fundamental na solução e/ou razão dos conflitos, na conquista da felicidade dos membros da família e, também, instrumento de harmonia e de força de trabalho na Igreja. Ao lhe ser atribuída tal importância, não se atribui que ela deva ocupar posição de destaque adquirindo, deste modo, qualquer espécie de “poder” e/ou “direitos”. Pelo contrário, sua função implica em uma infundável lista de obrigações que vão desde o modo de falar e vestir, até a competência psicológica de bem compreender o comportamento daqueles que dela dependem.

Entretanto, esta análise não tem por objetivo questionar a espiritualidade apresentada, mas refletir sobre o discurso que é dirigido ao gênero feminino, determinando o papel de submissão ao homem, independentemente de qualquer outro papel que a mulher possa ocupar ou mesmo de seu modo de pensar.

Assim, através de textos e discursos, a IURD também espera que todos os filhos sejam educados por suas respectivas mães no sentido de preservarem a doutrina e o princípio vigente, bem como auxiliarem na manutenção da estrutura organizacional existente. Para isso, Deus as destinou e a Igreja lhes dá total apoio. O papel de “auxiliadora” é muito importante para a Instituição e é lembrado, constantemente, pela Igreja. Conforme esse discurso religioso, que salienta a importância da mulher no lar e na educação, destaca-se:

A mãe representa influência poderosa na educação da criança. Ela tem em suas mãos todos os elementos necessários para moldar o coração e a mente dos seus filhos. “Ensina um homem e estarás escrevendo na água, ensina uma criança e estarás escrevendo no mármore”. É no lar que a criancinha bebe os ensinamentos e onde tem sempre diante dos olhos o exemplo ao qual copiará .

Ao ser trabalhado o tema sobre o lar, a figura masculina aparece, às vezes, no papel de autoridade. É possível perceber claramente as diferentes funções determinadas ao pai e à mãe, visando a um modelo ideal de lar. Os discursos realizados durante os cultos, muitas vezes, afirmaram que o pai é sempre uma fonte de autoridade e a mãe uma fonte de afeto, como segue:

Em um lar bem formado e normal está presente uma fonte de autoridade, o pai, o liame, o contato com a realidade, quem dá sentido na vida doméstica... está presente também uma fonte de afeto, amor devocional, sacrificial na pessoa da mãe. (culto)

Nessa perspectiva, o pai é o centro, o elo, o “liame” da vida doméstica e a mãe a fonte do amor *devocional*, *sacrificial*, etc. Entre os vários cultos analisados, foi possível detectar que o discurso religioso procura destacar um modelo de mulher ideal. Sempre houve preocupação com a formação da mulher, visando a prepará-la para melhor responder às necessidades do lar e da família. No decurso da análise, também foi possível constatar que

todo o discurso esteve voltado unicamente ao espaço que, supostamente, é ocupado pela mulher e cuja meta principal é a permanência neste. Os termos empregados estiveram sempre voltados a um modelo de mulher que tem “feições” e “funções” claramente definidas e que já foram largamente descritas neste estudo.

Nos discursos religiosos analisados, fica evidente que o modelo escolhido enaltece virtudes representadas pela humildade, submissão e simplicidade que devem estar embutidas no modo de ser feminino. Na realidade, há considerável insistência quanto ao insubstituível papel de mãe como educadora e orientadora dos filhos. A maternidade implica não só na busca pela formação dos filhos, como também no encaminhamento religioso. Além do auxílio e acompanhamento nas atividades dos filhos, é mister transmitir os primeiros ensinamentos da religião através do culto doméstico diário e do exemplo de vida vivenciado por ela diante da família e da sociedade.

No entanto, é interessante observar que, na escolha dos versículos bíblicos, citados nos cultos, há evidente preocupação em salientar as virtudes destas mulheres. Nessa assertiva, a manutenção do sistema instituído é garantida através de um discurso embasado em preceitos bíblicos, no qual compete à mulher a educação e formação religiosa dos filhos e, neste papel, ela continua repassando os valores já instituídos. Dessa forma, esta Igreja, analisada como um sutil mecanismo de criação e fixação da identidade e da diferença, revela-se também como trabalho educativo à medida que possibilita a formação de um consenso social em torno de diversas crenças e representações, dentre as quais a produção do feminino e do masculino.

Enfim, os discursos produzidos pela Igreja Universal do Reino de Deus, na comunidade oleira estudada, parecem articular-se em linhas de força e operam a ligação entre sujeito e discurso por meio de procedimentos “cirúrgicos”. Algo que vai aparando as arestas, lapidando as saliências, atravessando as mais diferentes camadas do corpo até que se instale nele; até que pareça vir naturalmente de dentro dele; até que, enfim, passe a ser irremediavelmente o próprio corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a produção da identidade pelo discurso religioso utiliza-se de marcadores e neles instituem-se significados que dizem respeito à própria existência humana e aos sentimentos a ela associados como características bem consagradas de linguagem e de atitudes femininas e masculinas já tão marcadas em outras práticas sociais e produções culturais para representar e produzir o sujeito. Dessa forma, alguns padrões não se estabelecem como “verdadeiros” e próprios a esses sujeitos. Assim esta “representação se dá a determinados grupos o poder de estabelecer, através dos discursos ditados por relações de poder, aquilo que tem estatuto de realidade” (COSTA, 1998).

Entretanto, a um olhar mais atento não passam despercebidos sujeitos que carregam, de forma negativa, uma representação da diferença quanto ao gênero na comunidade de oleiros estudada. Para Silva (1999, p.97) “são as relações de poder que fazem com que a ‘diferença’ adquira um sinal, que o ‘diferente’ seja avaliado negativamente em relação ao ‘não diferente’”.

Hall (1997) discute essa questão da diferença através do exercício de um poder de classificação das pessoas conforme uma norma e, por conseqüência, da construção do excluído como o “outro”. Nesse sentido, a relação entre representação, diferença e poder pode ser vista através de padrões socialmente construídos. Entretanto, Hall, ao referir-se à questão do poder, não está falando daquele poder de coerção, de constrangimento físico ou de exploração econômica e sim do poder da representação. Esse se refere ao poder de marcar, de atribuir e de classificar e, também, ao poder de representar alguém ou algo de determinada maneira, segundo um “regime de representação” (HALL, op. cit., p. 260).

Nessa perspectiva, pode-se pensar até que há uma cultura, na comunidade oleira, que se instaura através de suas práticas sociais e religiosas, mediando aquilo que é definido como natural e que essa própria cultura constrói, reconstrói e fixa experiências de vida, modos de compreensão do mundo. Nesse sentido, parece-me ser possível afirmar a existência de um movimento amplo, para a produção discursiva da igreja que configura uma série de ações que estabelecem um modo de lidar com os sujeitos, definindo um modo de ser mulher, além das “coisas” que elas devem gostar ou interessar-se.

Discutir questões como as que levantei neste estudo pode também ter efeitos sobre outros campos preocupados com as questões da produção da identidade e da diferença. Isso porque, como foi referido neste trabalho, a identidade e a diferença vêm sendo produzidas discursivamente em muitas instâncias culturais. Assim, procurei examinar o que é dito sobre a mulher nessas instâncias para, conforme nos apontam Wortmann e Veiga-Neto (2001), entender “como esses códigos culturalmente estabelecidos operam na fabricação discursiva na constituição do próprio sujeito moderno” (p.104).

Não que as histórias sobre a diferença que aponto sejam as que possam dar conta de toda a produtividade que sobre ela tem sido operada, mas sim que esses outros modos de olhar-se para a produção da identidade e da diferença em relação às questões de gênero e para os discursos que a elas se associam podem configurar-se em formas diferentes de focalizar a produção do feminino. Ou seja, olhar para essa história e para muitas outras histórias parece ser uma direção bastante produtiva em todos os campos sociais, culturais e educacionais.

REFERÊNCIAS

COSTA, Marisa V. O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio Janeiro: DP e A, 1998.

HALL, Stuart. The Spectacle of the other. In: HALL, Stuart (org.). Representation. Cultural Representations and Signifying. London: Sage/Open University, 1997 d.

_____. Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro de Janeiro: DP & A, 1997.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e saúde: indagações a partir do pós-estruturalismo e dos estudos culturais. Revista Ciências da Saúde. Florianópolis, v. 17 n.1, jan./jun. 1998.

_____. Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Ed. Sinodal, EDUNISC, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material) idades, (divers) idades, (corporal) idades, (ident) idades... In: GARCIA, Regina Leite. (org.). O que corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP e A, 2002, p.35-64.

WORTMANN, Maria Lúcia C e VEIGA-NETO, Alfredo J. Estudos Culturais da Ciência e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Artigo Recebido: 29/07/2006

Aprovado: 21/04/2007